



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE HISTÓRIA**

ALINE FERREIRA DE ANDRADE

**O AMOR E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS CARTAS DE ANAYDE
BEIRIZ E HERIBERTO PAIVA (PARAÍBA, 1924 A 1926)**

**GUARABIRA
2017**

ALINE FERREIRA DE ANDRADE

**O AMOR E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS CARTAS DE ANAYDE
BEIRIZ E HERIBERTO PAIVA (PARAÍBA, 1924 A 1926)**

Trabalho de Conclusão de Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de licenciatura plena em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alômia Abrantes da Silva.

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A553a Andrade, Aline Ferreira de
O amor e as relações de gênero nas cartas de Anayde Beiriz e Heriberto Paiva (Paraíba, 1924 A 1926) [manuscrito] / Aline Ferreira de Andrade. - 2017.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação: Alômia Abrantes da Silva, Departamento de História".

1. Anayde Beiriz. 2. Amor. 3. Relações de Gênero. I.
Título.

21. ed. CDD 869.3

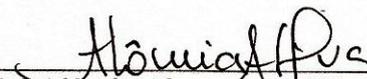
ALINE FERREIRA DE ANDRADE

O AMOR E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS CARTAS DE ANAYDE
BEIRIZ E HERIBERTO PAIVA (PARAÍBA, 1924 A 1926).

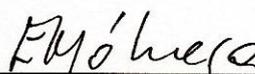
Artigo, em História da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito à obtenção do título
de licenciatura plena em História.

Aprovada em: 11/04/2017.

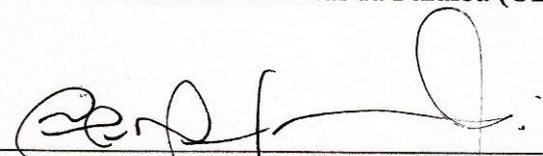
BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Alômia Abrantes da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Drª Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profº Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico aos que conseguiram, mesmo que inconscientemente,
proporcionar a realização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade de vivenciar essa experiência única.

À Instituição e a toda equipe pelo cuidado prestado por todos esses anos de acolhimento.

A minha orientadora, a professora Alômia Abrantes pela sabedoria, disponibilidade e atenção dedicada em todos os instantes. Ao professor Carlos Adriano Ferreira de Lima e a professora Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega, pela disponibilidade de participar da minha banca.

A minha família na pessoa da minha mãe Josefa e do meu irmão Anderson pela compreensão diária.

Às amigas que pude encontrar e que tornaram essas longas noites em momentos tão suaves, Camila Farias, Liliane Cristina e Luzienni Mouzinho.

A todas as pessoas que compartilharam de alguma forma dessa jornada, mista de alegria e tristeza, representadas por minha amiga e irmã Érica Vanessa.

Ao meu esposo Alain Dellon de forma muito especial, que não apenas me acompanhou, mas que me “carregou”, por muitas vezes me confortou e/ou me ajudou a construir essa História.

“A vida é como um sonho; é o acordar
que nos mata.”

Virginia Woolf

O AMOR E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS CARTAS DE ANAYDE BEIRIZ E HERIBERTO PAIVA (PARAÍBA, 1924 A 1926).

Aline Ferreira de Andrade¹

RESUMO

Esse trabalho tem como foco predominante as cartas trocadas entre Anayde Beiriz e seu afeto Heriberto Paiva, que possibilitaram a construção dos debates que dão visibilidade a essa mulher que ao mesmo tempo é doce e sedutora, que se permitia avançar ou recuar diante dos seus sonhos e sentimentos, e que embora estivesse enraizada nos construtos sociais naturalmente impostos, defendia seus ideais, sejam eles de amor ou de liberdade, defesas essas que estão confirmadas nos seus escritos. Através das questões estabelecidas sobre esses acontecimentos na década de 20, que vão ganhando destaque, sobretudo a partir de 1980, quando se quebra o silêncio em torno dos fatos que permeiam a vida de Anayde, evidenciamos os desdobramentos das relações de gênero que educam corpos e impõe o que é determinado para cada ser, diferenciando homem e mulher a partir de espaços e comportamentos.

Palavras -Chave: Anayde Beiriz - amor – gênero – escrita de si.

Introdução

O presente artigo tem como principal intenção examinar as correspondências trocadas entre Anayde Beiriz, professora e poeta que viveu na Parahyba do Norte no início do século XX, e seu namorado Heriberto Paiva, estudante de medicina que então residia no Rio de Janeiro. As cartas foram publicadas no livro **Anayde Beiriz** *Panthera dos olhos dormentes*, do escritor Marcus Aranha (2005), sendo o livro composto por mais de sessenta correspondências, registradas em um diário pela própria Anayde. Esses registros

¹ Aluno de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: alineanfer@hotmail.com

compreendem o período que segue de agosto de 1924 a setembro de 1926 e compõem uma fonte rica para a compreensão social da estruturação das relações de gênero no período.

O tema, inspirado pela leitura da tese intitulada *Paraíba, Mulher- Macho: Tessituras de Gênero, (Desa)Fios da História*, de Alômia Abrantes da Silva (2008), instigou nossa curiosidade sobre as visões construídas sobre Anayde, e como as relações de gênero eram tecidas no jogo amoroso das correspondências trocadas por ela e seu namorado. Buscamos analisar os traços que arquitetam Anayde através dos seus próprios escritos, como também através de outros escritos acerca da mesma, sobretudo no que diz respeito as suas práticas culturais e sociais, para isso, percorremos caminhos que vão das relações entre amor, casamento, sensualidade e suas ligações com a história das mulheres, que são embasamentos para se refletir sobre as composições a respeito de Anayde. Olhamos de forma mais atenta para a questão de como o sentimento acaba por construir identidades, essencialmente quando tratamos da ideia de amor romântico, aquele que é identificado como naturalmente feminino.

Um pouco sobre Anayde Beiriz

Nascida em 18 de fevereiro de 1905, na cidade da Parahyba do Norte, Anayde de Azevedo Beiriz, formou-se na Escola Normal em 1922, aos 17 anos de idade como a primeira aluna da turma de magistério daquele ano. Estudou datilografia na escola Remington, ainda em seu primeiro ano de funcionamento. Anayde, além de dedicada aos estudos, era considerada uma jovem bela, o que lhe rendeu o primeiro lugar no Concurso de beleza promovido pelo *Jornal Correio da Manhã* no ano de 1925, quando possuía 20 anos. Esses relatos são evidenciados por José Joffily (1980), o mesmo também aponta as dificuldades vividas por Anayde para encontrar espaços de aceitação em seu meio social.

Para a sociedade da década de 1920, Anayde era considerada uma moça de ideais avançados, pois era vista como alguém que não estava presa às teias conservadoras da época. Como afirma Aranha (2005), as atitudes dessa jovem professora lhe marcavam como “lutadora contra o falso moralismo e os modelos éticos arcaicos que se impunham às mulheres” (ARANHA, 2005, p.21); o modo como Anayde se vestia, o sair desacompanhada às ruas, em um momento em que a mulher deveria acompanhar-se de outras mulheres consideradas de “bem”, para que não fosse confundida com mulher da vida; um corte de

cabelo pouco característico as mulheres aquela época, que é o “a la garçonne”, traçaram olhares e pensamentos em relação a Anayde.

Em um momento de afirmações marcadas pelo patriarcalismo, em que para as mulheres não havia abertura no mercado de trabalho, com dificuldade para ter acesso aos estudos, onde o espaço de representações do desejo feminino poderia ser considerado mínimo, ou até mesmo nulo, Anayde se sobressai com suas inclinações às novidades, mesmo que essas não fossem vistas com bons olhos. Sobre essas tendências de moda e comportamento da época, Mary Del Priore relata o pensamento de determinados médicos:

Alguns médicos rebelavam-se contra a moda de tendência masculina, que associavam às ideias feministas e ao desprezo pela maternidade. Os cabelos curtos, as pernas finas, os seios pequenos eram percebidos por muitos homens como uma negação da feminilidade. (PRIORE, 2011, p. 112-113)

Assim era questionada Anayde, pela forma como se vestia, pelo corte de cabelo curto, que era pouco característico do período, bem como por suas atitudes comportamentais que lhe rendiam o julgamento de ser ou não considerada uma “moça séria”. A poetisa destacou - se por seus contos escritos para jornais e revistas da região, entre esses a revista *Era Nova*. Anayde era dada às letras, esse bom relacionamento lhe rendeu prósperas amizades, vinculando-a aos serões *litteros dansantes* promovidos na cidade, contando com a presença de nomes conhecidos da sociedade local, do qual os “Novos” - nome dado ao grupo de intelectuais do qual fazia parte, e que surgiu sob influência dos movimentos iniciados na Semana de Arte Moderna em São Paulo, em 1922 – faziam-se constantemente presentes:

Em maio de 1922 a Escola Normal da Parahyba diplomou mais um grupo de professoras. A mais jovem delas, com 17 anos de idade, foi laureada como a primeira dessa turma. Chamava-se Anayde Beiriz e sofreu fortes influências do modernismo. Abraçou apaixonadamente as propostas de renovação lançada depois da Semana de Arte. (ARANHA, 2005, p. 18).

Porém, o seu maior destaque social se deu por seus envolvimento amorosos, sobretudo o seu relacionamento com o advogado João Dantas, em um período posterior ao das cartas aqui estudadas. Dantas era adversário político de João Pessoa, então presidente de Estado da Parahyba. Após desavenças políticas, o escritório de João Dantas, foi invadido, mas o que encontraram, segundo muitos memorialistas, incluindo Marcos Aranha, foram cartas íntimas desse casal. A exposição dessas, segundo narrativas como as de Joffily (1980) e Aranha (2005), culminou no assassinato de João Pessoa pelas mãos de Dantas em 1930,

mitificando a imagem de João Pessoa e dando suporte a Revolução de 1930, como analisa Cipriano:

Depois de sua morte ainda na década de 30, a imagem de João Pessoa se fortaleceu como salvador da honra do Estado paraibano, a partir dos discursos tanto de seus aliados quanto de seus inimigos políticos. Com a morte de João Pessoa e a deflagração dos conflitos políticos, inseridos no contexto de política nacional do Golpe de 30, os noticiários da imprensa tenderam a legitimar uma discursividade política no campo da moralidade, pautada na imagem de João Pessoa. (CIPRIANO, 2010, p. 175)

Esses acontecimentos ligaram o nome de Anayde a esse momento histórico, seja como forma de “manchar” seu nome, seja como forma de o heroizar. Após muitos anos de puro silêncio, a memória de Anayde Beiriz foi reavivada, essa narrativa está disponível, por exemplo, no filme *Parahyba Mulher Macho* da cineasta Tizuka Yamasaky, baseado no livro de José Joffily, *Anayde Beiriz: Paixão e Morte na Revolução de 30*, lançado em 1980. Envoltas em falhas ou não, acabaram por dar espaço para novas análises, estudos, e assim surgirem outras histórias.

Visões sobre Anayde e questões de gênero

Embora Anayde tenha morrido em 1930, quando contava apenas 25 anos, essa só recebeu algum destaque a partir dos anos de 1980, quando José Joffily publica seu livro, e dessa forma apresenta essa paraibana a seu povo. Sobre o olhar desse escritor, Anayde nos aparece uma mulher muitas vezes frágil, que termina seus dias vitimada por uma sociedade conservadora e incompreensiva. Essa é a observação feita por ele quando afirma que:

São essas reflexões que me animam a estudar certo período de nossa história contemporânea para melhor entender o drama da intelectual paraibana, que tanto padeceu comprimida dentro dos acanhados limites de uma sociedade governada por grupos oligárquicos de mentalidade agropastoril, padecimento que só cessou quando Anayde se livrou da vida. (JOFILLY, 1980, p. 15)

Com base nos escritos do livro de José Joffily, mas construído em uma ficção, o filme da cineasta Tizuka Yamasaky, representa essa Anayde avançada para seu tempo, que desde criança traz consigo uma intensidade característica dela, onde não se intimida com os preceitos da época. Assim são trabalhadas as demais cenas, com uma Anayde que escreve poemas e os declama intensamente, que participa de rodas de danças, que desafia repentistas

compondo versos no improviso, que ama e é amada sem reservas. O filme também destaca que Anayde dedicou-se inteiramente a aquele que era realmente o seu tempo e ela o viveu intensamente, ela estava disposta a receber o novo, talvez a Paraíba não se encontrasse tão preparada assim. E Anayde não se importou com olhares e palavras negativas da população local, mesmo sabendo que não seguir as regras impostas pela sociedade poderia lhe custar caro, pelo simples fato de buscar apenas ser livre. O filme traça linhas envolvidas no corpo de Anayde Beiriz, e expõe e registra por inúmeras vezes esse corpo, não sendo raras as vezes em que esse aparece despido. A historiadora Alômia Abrantes da Silva (2008), em sua tese de doutorado, propõe uma bem traçada discussão acerca dos diversos meios encontrados de reinventar Anayde, e como é colocado por ela em seus escritos, o filme traz uma Anayde que é representada através do corpo e esse corpo transborda significados, sejam esses significados atrelados à própria Anayde, ou ainda de outros corpos por ela representados:

Em praticamente todas as cenas do filme temos uma Anayde Beiriz corpórea, no sentido em que expressa e procura saciar impulsos e desejos, que lhe parecem prementes, com uma força instintiva, como que livre de dilemas, de apelos morais e hesitações que seriam comuns à sua época. (SILVA, 2008, p.33)

Muito embora o livro de José Joffily e, sobretudo, o filme de Tizuka Yamasaky tenham sido alvos de inúmeras críticas com relação aos seus relatos sobre Anayde, se faz necessário lembrar que esses romperam o sigilo de tantos anos e possibilitaram novos olhares, novas interpretações e suscitaram o desejo de conhecer e compreender um pouco mais sobre as atitudes, sonhos e desejos dessa paraibana. Como é enfatizado por Alômia Abrantes (2008), ao recontar Anayde na arte, seja através dos livros, do cinema, do teatro, acaba-se por trazer diversificadas versões e/ou visões sobre uma mesma pessoa, e assim atinge o interesse, a necessidade, a curiosidade de se saber um pouco mais sobre essa figura que passa da invisibilidade, esquecida ou secundarizada em alguns relatos, para peça chave no âmbito de uma história da Paraíba. Essas fortes críticas que rodeiam o filme, acabam por não valorizar as inúmeras construções que foram possibilitadas a partir dessa análise, a qual trata-se de uma versão fílmica, e não tem a pretensão da verdade em torno dos fatos e da memória de Anayde.

Para as mulheres, essencialmente, não foi nada fácil romper com o silêncio e isso ainda pode ser sentido na sociedade atual, muito embora a luta seja uma constante, na busca não de reconhecimento e sim do direito, do merecimento. Sendo assim o que dizer dos sentimentos que rodeavam Anayde, uma mulher que tinha conhecimento do que lhe era

possível e do que o sentido de liberdade poderia lhe proporcionar, mas que esbarrava nos preceitos morais e costumes determinados socialmente, que envolvem o medo de se expor, aliado ao poder e a autoridade das famílias.

Com reflexões sobre as construções de gênero, a historiadora Joan Scott em seu artigo – Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica – define que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21). A autora avalia as questões de gênero como um estudo dos construtos históricos, que impõe espaços para os corpos, e questiona como o termo gênero é utilizado “para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência” (SCOTT, 1989). Assim também afirma Guacira Lopes Louro quando nos coloca que “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade” (Louro, 2007, p.3). Percebe que essas abordagens estão envolvidas nas questões sexuais e diferenças corporais, que são lugares essencialmente vistos como do silêncio e da vergonha, porém devemos perceber o quanto essas construções avançam para as relações com o mercado de trabalho e a educação, lugares instituídos socialmente para o masculino, bem como o âmbito político. Também, é possível encontrar relatos sobre a falta de aceitação da mulher que buscava encaixar-se nos mais diversos espaços sociais, através dos escritos de Maria do Socorro Cipriano que descreve que na sociedade de 1920 as ações consideradas masculinas como, por exemplo, a política, que não deveria ser assumida por figuras femininas, “[...], pois, feminilizar a política era trazer para dentro desse universo, essencialmente masculino, a traição, uma vez que a mulher era considerada, por natureza, infiel”. (CIPRIANO, 2010, p. 186).

Desta forma, analisamos que essas imposições que acabam por estabelecer as escolhas nas vidas das pessoas, especialmente das mulheres, vão além das questões que envolvem as diferenças na relação homens e mulheres, e essas não são apenas as diferenças nas qualidades exteriores, não apenas a oposição do masculino e do feminino e sim os lugares que são determinados pela cultura, pela educação, construída e instituída historicamente, como questiona Tânia Navarro Swain:

Seres construídos que somos, a evidencia do sexo é, porém, tão forte que obscurece as linhas e traços de sua instituição: a pesada materialidade dos corpos, suas elevações e abismos justificam condutas, conceitos, referências. O poder é sempre do pai, do masculino, a linguagem é o domínio do falo, da ereção, da racionalidade, da realidade; para o materno resta o ilusório, o irracional, a falta, a inveja, o repúdio, ‘a culpa é sempre da mãe’. Que mecanismos tortuosos e bizarros são estes que atrelam razão e

sexo, autoridade e ereção, o falo enquanto significante geral? Que cegueira social é esta, que vela as estratégias de diferenciação dos sexos para melhor instaurar uma ‘natural’ diferença política entre mulheres e homens? (SWAIN, s/d, p. 4)

Esses questionamentos se baseiam na ideia de uma naturalidade forçada dos comportamentos, onde o não seguir ou não estar dentro do que é considerado “padrão social”, sobretudo quando se relaciona ao sexo e/ou a sexualidade pode levar a exclusão, a não aceitação em meio aos modelos instituídos. Para historiadora Guacira Lopes Louro (2007), a sexualidade é mais que uma questão pessoal, é também social e política, essa vai sendo “aprendida” no decorrer da vida e através das diversas interferências representativas. Essas construções acabam por utilizar das diferenças entre os corpos como desculpa para uma subordinação, para uma repressão regular.

No meio de um jogo de composição viveu Anayde, evidenciada principalmente pelos relacionamentos construídos. Anteriormente ao envolvimento com o advogado João Dantas, Anayde se apaixonou por Heriberto Paiva, estudante de medicina que vivia no Rio de Janeiro. Atendo-se ao relacionamento entre Anayde e Heriberto, este foi registrado em cartas trocadas entre os namorados, que foram fixadas em um diário pessoal da própria Anayde, com o título de CARTAS DO MEU GRANDE AMOR. Neste diário estão transcritas cartas que foram datadas de 20 de agosto de 1924 e seu último registro é de 1º de setembro de 1926, nelas estão representadas declarações, incertezas, sonhos e vivências, que o escritor e médico Marcus Aranha disponibilizou, organizando-as em um livro com o consentimento dos familiares da protagonista dessa história. O livro foi lançado em 2005 e recebeu o nome de *Anayde Beiriz: Panthera dos Olhos Dormentes*. O título faz referência ao apelido pelo qual alguns amigos costumavam chamá-la.

O livro de Marcus Aranha vai um pouco à contrapartida ao filme *Parahyba Mulher Macho*. Tanto nos comentários feitos pelo autor, quanto a partir dos registros organizados por Anayde, esta ganha destaque e evidência pelos sentimentos presentes nas trocas de cartas, como no momento em que ela envia a seu amado, fios de cabelo como recordação que poderia vir a diminuir a saudade, o que leva a se imaginar um amor suficientemente romântico. Bem como, nos planos do casal em que desejam casar-se e ter filhos, entendemos que esse relacionamento se encaixa dentro de um padrão social da época, e que existe certa vontade de manter o relacionamento harmonioso por parte de Anayde, quando decide afastar-se de suas ocupações por um pedido enciumado daquele que muitas vezes assina as cartas como seu noivo. Dessa forma fica identificado que esse romance, que se estabelecia a distância, estava caracterizado pelos sentimentos e sonhos envoltos pelo amor.

Nesse jogo amoroso, podemos perceber como se constituíam os lugares socialmente constituídos para o feminino e o masculino na sociedade de então. Ainda que prevaleça até hoje a imagem de uma mulher “à frente de seu tempo”, vemos nas cartas um jogo complexo, de capturas de sedução, que muitas vezes implica na aceitação dos padrões e normas moralmente estabelecidos. Para melhor visualizarmos esse “jogo”, vamos a seguir explorar algumas passagens da escrita de si que o compõe.

Relações de gênero na correspondência amorosa de Anayde e Heriberto

As cartas, como uma escrita de si, segundo Alômia Abrantes (2008), não se apresentam para nossa leitura como ir à busca de um segredo, de algo escondido, o que interessa são os relatos, e o que eles demarcam em sua superfície, com suas significações. Trata-se do que muitas vezes sequer foi dito, mas fez-se entender e essas possibilitam diversas formas de análises, e de estudos, pois as percepções são únicas e o que realmente está em jogo não é a verdade dos fatos ocorridos, e sim como o sujeito que escreve a carta registra essas ocorrências. A carta perde as características dos gestos, que complementam as falas, mas consegue dar diversas formas e significados a uma mesma voz, formas essas que como descreve Alômia Abrantes, “passa por uma seletividade de palavras, de imagens, que não ocupam um lugar aleatório na composição da face e do corpo de quem escreve” (SILVA, 2008, pg.195).

A prática da escrita de si acaba por evidenciar os inventos do remetente sobre ele mesmo, uma visão que é única e particular, e que se deseja fazer conhecer:

A escrita de si assume uma subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a ‘sua verdade’. (...) O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2004, p. 14).

Dessa maneira atenta-se para o fato de compreender o que diz o autor da carta, bem como as suas relações com o destinatário da mesma, as expressões dos sentimentos, que transbordam as linhas escritas, e faz com que se entendam os caminhos e interesses por eles percorridos. Não apenas com a finalidade de encurtar a distância das pessoas que se

comunicam, as correspondências nos falam sobre o que é de fato interessante para se passar para o outro, é através das entrelinhas que conseguimos enxergar aquilo que não foi dito, mas que tinha o interesse de ser transmitido, de que de alguma forma fosse percebido. Trata-se da permissão dada pela escrita de si, da seleção das palavras que devem ser recebidas pelo destinatário, por parte do remetente.

Em 1924, Anayde conhece Heriberto Paiva, com o qual inicia um relacionamento que não recebe o apoio da família de Heriberto, porém, eles seguem com esse romance, sobretudo através de trocas de correspondências. Através dos relatos escritos em suas cartas, Anayde mostra-se uma mulher envolta nas armadilhas e sonhos do amor, sua escrita é sobre tudo composta pelo amor. Por meio desses registros são perceptíveis às diferenças entre esse casal, que vão desde características físicas às sociais. Anayde Beiriz vivendo na Parahyba do Norte, morena de olhar exuberante, filha de um discreto tipógrafo do jornal *A União*, José Beiriz e de Maria Augusta de origem sertaneja, dona do lar. Tendo estudado na Escola Normal junto a moças de famílias abastadas, onde são ensinadas a serem educadoras gentis e sutis. Heriberto Paiva residindo no Rio de Janeiro, loiro de olhos azuis, cursava medicina nessa cidade sendo sustentado pela família. “Ele sócio e frequentador do ‘Clube Guanabara’, na época, um dos melhores e mais luxuosos da Capital da República” (ARANHA, 2005, p.22).

O ciúme é peça chave nesse relacionamento epistolar e fica claro, sobretudo nos relatos de Heriberto; a falta de apoio familiar acaba por agravar ainda mais esse ciúme, essa desconfiança. O namoro mantido através de cartas, declarações e imaginações, acaba por corroer a segurança dos apaixonados. Fica compreendido através do diálogo entre eles que houve um período de afastamento onde os mesmos ficaram sem contato, ao que se percebe esse afastamento se deu por desconfiança do jovem Heriberto em relação às atitudes de Anayde. Quanto a esses escritos deve-se levar em consideração o fato das correspondências serem de total sigilo como havia sido combinado entre o casal, já que esse contato não era bem visto pela família de Heriberto Paiva, porém segundo Mary Del Priore, havia uma crescente tendência aos relacionamentos se desenvolverem por escolhas pessoais, não apenas se retendo a questões de decisões entre os parentes, “Casais se escolhiam cada vez menos para atender aos interesses dos familiares e cada vez mais por amor. O trunfo do encanto físico e da sedução passava a contar.” (PRIORE, 2006, p.109).

Ele também revela por inúmeras vezes sua intensa dúvida em relação às reais intenções da sua amada, e a pede explicações pelo fato de Anayde o amar, já que existem homens que ele julga tão mais interessantes que o mesmo e questiona: “Por que me dedicas tanto affecto, se outros rapazes há, inteligentes e bons que te fazem a corte?” (ARANHA,

2005, p.92) assim Heriberto interroga sobre o que faz Anayde dedicar seu amor a ele que se encontra distante, onde mesmo existindo outros rapazes que ele afirma que a cortejam, ela não desiste desse relacionamento. Logo que voltam a se comunicar Anayde não hesita em contar-lhe o fato de estar fazendo parte do grupo de intelectuais denominado de “Novos” e afirma que esse envolvimento com o grupo se deu pelo sofrimento que o silêncio de Hery – forma carinhosa a qual Anayde o chama – havia causado, e logo tenta despreocupar o noivo em relação a sua presença em meio a esses jovens se dizendo respeitosa e sem liberdades para com esses, e afirma que o fato de ter aprendido a dançar se deu unicamente por acreditar que nessa vida deve-se saber um pouco de tudo. Porém, fica claro nos escritos de Heriberto que não o agrada as ocupações de sua noiva:

Serão, sem dúvida, os ‘Novos’ que te querem separar de mim? Preferes a amizade delles? Não Anayde, eu não o creio, disseste-me uma vez que teu coração não ama duas vezes, e, eu bem sei que há entre nos uma união espiritual que nunca poderá ser desfeita.

Mas, Anayde querida, o amor está em primeiro plano, muito acima do dever. Esqueça um pouco os ‘Novos’ e escreva-me com mais brevidade. Perdoa-me o que te digo; são phrases do coração a que não posso calar. (Heriberto, Rio, 30 de Julho de 1925 apud ARANHA, 2005, p. 58)

Essa insatisfação leva essa a se desligar um pouco dos seus afazeres para assim manter em harmonia o seu relacionamento amoroso, ela comenta o quanto estava a escrever para diversos jornais, compromissos que uma vez assumidos, ela não poderia deixar de cumprir:

Para provar-te que acima de tudo, colloco e collocarei o teu amor e para que entre mim e ti não exista nunca uma sombra ou uma dúvida por pequena que seja, eu abandonei os ‘Novos’, no próprio dia em que recebi a tua carta, despedi-me d’elles sem pesar e sem saudades. Reluctaram, pediram-me que desistisse do meu propósito, mas mantive-me inabalável.

Pretextei um incommodo qualquer, disse-lhe que o médico me recommendara repouso, que eu não deveria dansar, etc. Fiz-lhes, porém, a promessa de continuar a colaborar no O Jornal. Dizendo-lhes que não passava bem de saúde não menti, pois tenho andado ultimamente adoentada.

Tens-me pois, meu Amor, novamente tua, bem tua, pensando somente em ti, vivendo somente para ti... Estás satisfeito? (Anayde Beiriz, Parahyba, 10 de Agosto de 1925 apud ARANHA, 2005, p. 59-60)

Através das palavras de Anayde, não se deve julgar uma submissão, mas tão somente o desejo de manter a paz entre o casal, por algo que ela considera possível de abrir mão, de renunciar. Assim se faz perceber quando ela pondera que deixou os Novos, entretanto continuará como colaboradora do “O Jornal”, e dessa maneira permaneceria com o seus sonhos futuros de amor, de casarem-se, ao mesmo tempo em que viveria os seus sonhos do

presente, onde se manteria conectada com a sua escrita, através da sua colaboração com o citado jornal. Vez ou outra ela comenta suas relações com o trabalho, e parece orgulhosa com o que escreve:

Devo acrescentar-te que os meus amigos que escrevem nos jornaes em que escrevo, chamam-me Phantera dos olhos dormentes... Sabes por que? Porque dizem que nos meus contos eu sempre ponho uma mancha de sangue e porque gosto de tudo que é vermelho...

Creem eles que sou trágica, que gosto desse amor que queima, dessa paixão que devora, dessa febre amorosa que mata... (Anayde Beiriz, Parahyba, 07 de Março de 1926 apud ARANHA, 2005, p. 116)

Aliás, a vida profissional é uma questão pouco relatada por Anayde, que ainda cita seus contos, poemas e publicações em jornais e revistas, mas em nenhum momento tece comentário sobre o seu trabalho como professora, não detalha nada sobre o cotidiano escolar, tampouco se refere a sonhos e planos profissionais para o futuro. Como relata Joffily, a sociedade da época era “intolerante e inimiga do acesso ao mercado de trabalho para mulher não-proletária” (JOFILLY, 1980, p.19). Embora Heriberto demonstrasse algum interesse pelos escritos de sua noiva, ele não chega a incentivar esses seus trabalhos, pelo contrário, ele tem outros desejos para a vida do casal, e aos poucos as suas aspirações profissionais vão sendo esquecidas. Heriberto chega a determinar papéis sonhados por ele para si, impondo o lugar que deve ser ocupado pelo homem, o trabalho fora de casa, bem como o espaço que deve ser ocupado pela sua amada esposa, que deve se reservar a extensão de sua casa e cuidar e preservar o seu lar:

Imagina, Amor, a ventura que eu idealizo para nós: eu, médico, possuidor de um título nobre e galhardo, mitigando as dores cruciantes da humanidade, ora com a terapeutica devida, ora com a acção catalyctica, porque em verdade a presença do médico influe bastante na cura de um doente, máxime, quando este é um inepto, um crente.

Tu, a esposa ideal, amante do teu lar, fiel ao teu companheiro, para o qual sempre terás um beijo, uma carícia e, ainda, a mãe carinhosa; porque, como já te disse uma vez, pretendo, ou melhor, pretendemos, desejamos possuir dois filhinhos, Ruth e Fernando, que hão de ser o nosso encanto, os fructos de todo o nosso affecto. (Heriberto, Rio, 31 de Julho de 1925 apud ARANHA, 2005, p. 62).

Heriberto sonha pra si ser um médico bem conceituado, enquanto para Anayde ele sonha que essa seja uma esposa ideal, mãe atenciosa que ama o lar e é fiel. Essa é uma forma de controlar, mesmo que indiretamente através dos posicionamentos educacionais, que afirmam os espaços da mulher, sendo o privado, aquela que sustenta a família, preserva os traços religiosos e se recata as funções domésticas e maternais, assim como para o homem,

que está disponível a escolher sua profissão, se realizar na mesma e manter as despesas da casa. Como é relatado pela historiadora Mary Del Priore, “A mulher tinha de ser naturalmente frágil, agradável, boa mãe, submissa e doce etc” (PRIORE, 2006, p. 218). Anayde, através das correspondências, se demonstra deixar levar e sonhar junto com seu noivo, e totalmente envolvida se coloca em um espaço de esposa zelosa, que se incorpora aos afazeres domésticos e aos cuidados do marido e dos filhos. E em resposta a todas essas aspirações ela descreve:

Ah! Meu Amor! Como eu queria que todos os nossos sonhos, todas as nossas illusões, todos os nossos desejos se tornassem reaes!
 Que vida encantadora a que imaginas para nós! Que pena que Ella esteja tão longe de se tornar real! Mas, que importa, meu Hery? Tenhamos fé e paciência e alcançaremos essa ventura tão sonhada e que, actualmente, se nos afigura quase que intangível.
 Também a mim, o coração me diz, que ainda hás de ser meu, que ainda hei de ser tua. Que ainda hei de esperar-te todos os dias à porta da nossa casinha, para dar-te o beijo de boas-vindas. Voltarás fatigado, do serviço médico, mas encontrarás sempre o meu collo para repousares a cabeça. E depois... mais tarde... levar-te-hei ao nosso quarto, onde num pequenino berço, um bebê louro e rosado, de olhos azues como os teus, nos estenderá os bracinhos, sorrindo... E nós havemos de beijal-o tanto, não é verdade, meu Amor?! (Anayde Beiriz, Parahyba, 18 de Agosto de 1925 apud ARANHA, 2005, p. 64)

Após um período de relacionamento por correspondências, o casal surge com uma escrita mais sensualizada e/ou sexualizada, ao revelar seus desejos mais íntimos um para com o outro, bem como suas afirmações de amor ao imaginarem suas vidas após o casamento. Esses escritos demonstram a confiança que se construiu através desse relacionamento. Anayde se descreve como uma mulher de amor intenso e com ardor, diferente dessas “mulheres que sabem ser esposas, sabem ser mães, mas não sabem ser amantes” (ARANHA, 2005, p.71). Ela pondera a possibilidade de que seu noivo preferisse que ela fosse assim, porém assegura não ter a intenção de enganá-lo, e pede desculpas por inúmeras vezes pelas palavras que escreve. Contudo seu noivo também corresponde as suas cartas com os seus desejos impressos:

Ah! Anayde, como desejo neste momento estar junto de ti, com que fervor aspiro os teus lábios que somente foram maculados por mim, como aneio enlaçar-te nos meus braços, apertar-te violentamente, até sentir o teu corpo fremente desfallecer sobre o meu peito! E, além disso, como me alegraria ao ver-te perder as forças lentamente dominada por mim, enquanto os teus lábios desejosos murmuram o nome de Hery!... (Heriberto, Rio, 10 de Outubro de 1925 apud ARANHA, 2005, p. 81)

Em resposta às declarações de Heriberto, Anayde logo permite expressar uma sensualidade, dizendo:

Ah! Meu Hery, como as tuas palavras chegaram-me ardente e como me infiltraram na carne o doce veneno do desejo! Do desejo de ver-me enlaçada por teus braços fortes, de sentir-me desfalecida, machucada por tuas mãos, inteiramente abandonada à tua paixão e ao teu amor...

Todo o meu corpo tremeria, numa agonia violenta de prazer e de loucura. E seria uma alegria, uma ventura illimitada e suprema, a certeza de seres somente meu, de ser eu unicamente tua... (Anayde Beiriz, Parahyba, 29 de Outubro de 1925 apud ARANHA, 2005, p. 83)

Se nas minhas cartas eu tenho usado de uma linguagem demasiadamente franca, (não quero dizer livre), é porque, quando te escrevo, deixo o pensamento seguir os impulsos da minha natureza sensual e vibrátil; é porque sei que o amor sincero é confiante e perdoa essas loucuras do coração e dos sentidos. (Anayde Beiriz, Parahyba, 27 de Julho de 1926 apud ARANHA, 2005, p. 153)

O temor de parecer ousada para seu tempo acabava por reprimir suas demonstrações de amor sem pudor. Esses traços estão presentes nos escritos quando por inúmeras vezes ela pede perdão e questiona o que o noivo acha das declarações sobre os desejos. Através desses registros, sobretudo os que se relacionam com a intimidade, a sexualidade do casal, fica claro o receio de avançar demais e revelar algo que não agrada o companheiro, por estar além das normas sociais. Embora o casal vivesse um relacionamento à distância, esse se apresenta repleto de relações de poder. É preciso ser discreto. Entretanto, Anayde logo registra que as palavras que seu amado escreve não as ofendem e que pelo contrário, ela acredita que essas expressões sejam “uma prova do affecto” que sentem. Anayde se caracteriza por inúmeras vezes pela sua sensualidade, mas não deixa de manifestar seus sentimentos com doçura, como é de interesse do seu noivo. Segundo Tânia Navarro Swain:

O dispositivo amoroso, assim, cria mulheres e, além disto, dobra seus corpos às injunções de beleza e da sedução, guia seus pensamentos, seus comportamentos na busca de um amor ideal, feito de trocas e emoções, de partilha e cumplicidade. A sexualidade às vezes é até acessória. (SWA N, s/d, p. 11)

Alguns pontos são utilizados para diferenciar homens e mulheres, em meio a esses pontos é fundamental questionar como o amor, sentimento dado como naturalmente feminino, pode interferir nas práticas sociais. A mulher ocupando o lugar para ela imposto, o lugar da fragilidade, onde a emoção acaba por direcionar os seus atos. A mulher por si é considerada amorosa, “amorosa de seu marido, de seus filhos, de sua família, além de todo limite, de toda expressão de si.” (SWAIN, s/d, p.10).

Porém, mesmo as mais belas declarações, os escritos tão bem traçados por esse casal cessam, quando em mais um momento de ciúme, Heriberto relata que soube que um amigo dançou com Anayde em determinado baile, cuja data batia com as cartas que Anayde o havia enviado afirmando estar muito doente. Ele de início explica que apenas a escreve para não

repetir o mesmo que da ultima vez que encerraram o contato sem nenhum esclarecimento, e prossegue:

Talvez ignores, ao leres estas primeiras linhas, o que tenha acontecido; eu t'õ direi em poucas palavras: Há dias, tive o desprazer de encontrar-me com um collega contrerrâneo, o Flávio Maroja Filho, e tratando de assumptos da Parahyba elle perguntou-me se eu ainda gostava de ti. Respondi-lhe negativamente para não tratar de assumpto que só a mim interessa; elle, porém, depois de te elogiar bastante pelos contos que escreves, contou-me haver dansado comtigo numa festa realizada em fevereiro em casa do Dr. Maciel. (Heriberto, Rio, Sem Data apud ARANHA, 2005, p. 163)

Heriberto questiona desmedidamente as cartas recebidas de Anayde, e não se intimida em chama-la de mentirosa, bem como deixa claro não haver espaço para explicações:

Então, Anayde, o conteúdo d'aquella carta escripta a lápis, no dia do anniversario da morte do meu pae, era mentira? Por que profanastes a memória do meu pae, lembrando o dia do passamento, para sensibilizar-me com a tua supposta doença? ... A tua carta foi escripta à 12 e eu recebi à 22, o teu telegramma em que te dizias convalescente foi passado à 25 e recebido à 27, ora, se passastes todo mez de fevereiro doente, impossibilitada de andar, como poderias ir dansar? Vês, pois, que os meus cálculos são exactos e não tens uma única attenuante. (Heriberto, Rio, Sem Data apud ARANHA, 2005, p.163).

Embora tenha procurado elucidar, assegurando que esse episódio teria ocorrido em outro ano e que estava verdadeiramente doente, ela encontrava-se certa que o relacionamento já estava acabado, a desconfiança apresentada por Heriberto não permitiria que esse convívio íntimo continuasse, pois em uma de suas cartas, Anayde teria escrito que jamais casaria com alguém que duvidasse dela, que “Havendo desconfiança a felicidade não será completa” (ARANHA, 2005, p.79).

Nunca como nesse momento em que lhe escrevo pela derradeira vez, tive, tão nítida, a certeza de que está tudo acabado entre nós...
Essa sua última carta, deu-me, mais que todos os seus juramentos, a medida exata do seu affecto por mim. Agora, eu sei que você nunca me teve amor, uma vez que lança mão do primeiro pretexto para afastar-me da sua vida; dir-se-hia que estava ansioso por se ver livre de mim. Se assim é, seja feita a sua vontade; de hoje em diante, seremos, um para o outro, como dois desconhecidos...
Não lhe teria escripto esta carta, se não fosse o desejo de mostrar-lhe o quanto você foi injusto e como procedeu irreflectidamente, deixando-se levar pelo impulso da sua natureza violenta. Você diz que me ama; mas custa-me acreditar nisso, uma vez que, não tendo confiança em mim, fia-se nas informações do 1º que lhe apparece. Agora veja se eu tenho ou não attenuantes:
Accaso você se lembrou de perguntar ao seu amigo em que anno elle dansou commigo em casa de Maciel? Tenha a bondade de perguntar-lhe e se elle não é um malvado ou um louco lhe responderá que foi em fevereiro de 1925, na 2ª Hora de Inverno, dos Novos. Creio que você tem até a notícia dessa festa, que eu lhe enviei em junho ou julho, ao rearmos a nossa correspondência, essa mesma correspondência que você acaba de romper definitivamente.

Em fevereiro deste ano, eu estive realmente doente; pensei até que estava com uma grave inflamação na espinha dorsal. Você não tem, pois, o direito de me chamar de mentirosa e muito menos o de dizer que eu profanei a sagrada memória do seu pae, para que você ficasse sensibilizado com a minha “supposta” doença. (Anayde Beiriz, 28 de Agosto de 1926 apud ARANHA, 2005, p. 165)

Anayde expressa o desejo de esquecer aquele momento, aquela dor que a palavra “nunca mais” estava a lhe causar, mesmo que lhe custasse à própria vida: “Ah! Se eu fosse mais corajosa tudo estaria acabado, mas eu sou covarde; tenho medo do que vem depois da morte...” (ARANHA, 2005, p.166), e assim os sonhos encantadores de ambos são desfeitos, o amor romântico, o sonho de constituir uma família, são simplesmente rompidos por razões irrelevantes. Porém, os cuidadosos registros permaneceram, proporcionando novos olhares e sobre esses olhares repletos de interesses Alômia Abrantes afirma:

De certo modo, Anayde permanece um segredo. Um enigma oferecido como um jogo, onde se digladiam historiadores, literatas, artistas, feministas, familiares... onde se digladiam intenções e anseios pela “verdade”, ou ainda pelo que, mesmo tomando como álibi o tom de ficção, soe mais verdadeiro. (SILVA, 2008, p. 40).

Anayde viveu uma rica experiência nesse relacionamento epistolar, que lhe permitiu se apresentar nas mais diversas formas, sendo ela a mulher que ama e que confia, que aceita alguns limites socialmente impostos, mas que também não permite se esconder por trás desses limites, se restabelecendo e trazendo à tona seus desejos, seus sonhos. Através das análises sobre o corpo que a envolve, conseguimos vislumbrar os sentimentos que davam motivação e proporcionavam estratégias de se revelar e se recolher quando assim julgasse necessário. As barreiras e limitações que a distância e a falta de aprovação do relacionamento, por parte dos parentes do seu noivo, não foram suficientes para que Anayde desistisse dos seus objetivos.

Fazendo uso essencialmente das cartas publicadas no livro de Marcus Aranha e buscando como base os escritos de Alômia Abrantes, tentamos restabelecer um jogo de amor, cheio de intenções, registrando assim falas e silêncios. Anayde se permitiu novamente fazer conhecer, como um corpo que carrega diferentes perspectivas, demonstrando que embora defendesse a liberdade, permanecia completamente envolta nos relacionamentos românticos que estabelecia, possuía suas fragilidades e seus limites que estão diretamente ligados a sua época. A educação social, entrelaçada nas relações de gênero, conforma esse corpo com as funções do lar e com as atividades vistas como femininas. Anayde se permitia circular nos mais diversos espaços, o socialmente estabelecido, tradicional, com sonhos de amor e de

maternidade e o novo espaço que se abria a seus olhos, com as mudanças de estruturas sociais que já estavam estabelecidas, traçados por novos comportamentos, por novos valores.

ABSTRACT

This work aims to focus predominantly on the letters exchanged between Anayde and her affection Heriberto Paiva, which made it possible to construct the debates that give visibility to this sweet and seductive's woman, who allowed herself to advance or retreat before her dreams and feelings, and although it was rooted in the social constructs naturally imposed, it defended its ideals of love or freedom, defenses that are confirmed in its writings. Through the established questions about these events in the 1920s, especially since 1980, when the silence surrounding the facts that permeate Anayde's life is broken, we show the unfolding of gender relations that educate bodies and imposes what is determined for each being, differentiating man and woman from their spaces and behaviors.

Keywords: Anayde Beiriz - love - genre - self-writing.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Marcus. **Anayde Beiriz** – Panthera dos Olhos Dormentes. João Pessoa, Manufatura, 2005.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **O Adultério Feminino e o Fantasma da Infidelidade (1920 – 1930)**. In: ABRANTES, Alômia; NETO, Martinho Guedes dos Santos (org). **Outras Histórias: Cultura e Poder na Paraíba (1889-1930)**. João Pessoa: UFPB, 2010.

COSTA, Luyse. **Anayde Beiriz – uma biografia em quadrinhos**. João Pessoa: publicado com apoio do FMC (Fundo Municipal de Cultura da prefeitura de João Pessoa), 2013.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.

GOMES, Ângela de Castro. (Org.) **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

JOFFILY, José. **Anayde: Paixão e Morte na Revolução de 30**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas (CBAG), 1980.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. 2 ed., 3ª reimpressão - Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, Alômia Abrantes da. **Paraíba Mulher-Macho: Tessituras de Gênero, (Desa)fiados da História**. Tese (Doutorado em História) Recife, PPGH/UFPE, 2008.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil para Análise Histórica**. Disponível em: < https://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAner-o-Joan%20Scott.pdf > Acesso em 15 de maio de 2016.

SWAIN, Tânia Navarro. **Entre a Vida e a Morte, o Sexo**. Disponível em:< <http://www.intervencoesfeministas.mpbnet.com.br/textos/tania-entre-a-vida-e-a-morte.pdf> > Acesso em 09 de outubro de 2016.

PARAHYBA Mulher Macho. Direção: Tizuka Yamazaki. Intérpretes: Tânia Alves, Cláudio

Marzo, Walmor Chagas, Grande Otelo e grande elenco. Embrafilme: Brasil, 1983. (83 minutos).